



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA JEANE DA SILVA

**COMPRAR E VENDER NO ALTO SERTÃO: AS BODEGAS E O
DESENVOLVIMENTO COMERCIAL EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (SÉCULO
XX)**

CAJAZEIRAS
2017

MARIA JEANE DA SILVA

**COMPRAR E VENDER NO ALTO SERTÃO: AS BODEGAS E O
DESENVOLVIMENTO COMERCIAL EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (SÉCULO
XX)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato

CAJAZEIRAS - PB
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586c	Silva, Maria Jeane da. Comprar e vender no alto sertão: as bodegas e o desenvolvimento comercial em São José de Piranhas-PB (Século XX) / Maria Jeane da Silva. - Cajazeiras, 2017. 47f. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017. 1.Comércio- bodegas. 2. Historiografia. 3. São José de Piranhas- Paraíba- Comércio. 4. Economia. I. Fortunato, Maria Lucinete. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV . Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 339.176

MARIA JEANE DA SILVA

**COMPRAR E VENDER NO ALTO SERTÃO: AS BODEGAS E O
DESENVOLVIMENTO COMERCIAL EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (SÉCULO
XX)**

Aprovada em: _____ de _____ de 2017.



Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato (UFCG)
Orientadora



Profa. Dra Mariana Moreira Neto (UFCG)
Examinadora



Prof. Ms. Danilo de Souza Cezário (UFCG)
Examinadora

MS. Francinaldo de Sousa Bandeira - UFCG/UACS
Examinador (a) Suplente

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dedico:

A minha Família, em especial minha mãe Erismar, meu pai Geraldo, meu esposo João Martins e ao amor da minha vida Arthur, a minha avó paterna Liquinha (*in memorin*), e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

As grandes superfícies nunca poderão anular completamente o pequeno comércio, pois há muita coisa que será sempre preciso adquirir ao pé da porta e até em horas menos normais. (SALGUEIRO, 1996, p.124).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
CAPÍTULO I: POR UMA HISTÓRIA LOCAL / REGIONAL: PERSPECTIVAS E APONTAMENTOS.	16
1.1. A cidade: a dimensão local da historiografia.	18
1.2- Autores/atores da História de São José de Piranhas.....	20
CAPÍTULO II: AS BODEGAS: LUGARES DE “MERCADAJAR”.	24
2.1- Comércio e trabalho: o labor dos interiores.	26
2.2-O comércio das bodegas: apontamentos sobre o lugar.	29
CAPÍTULO III: AS BODEGAS EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.	32
3.1- Trabalhar para construir uma vida: José Cezário sobrinho (bodegueiro) e a relação histórica com a cidade.	345
3.2- A Bodega de José Cezário Sobrinho e a mudança na perspectiva do desenvolvimento comercial.	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	41
REFERENCIAS:	43
APÊNDICE A:	45
APÊNDESE B:	46

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui, por me da saúde, força e determinação nas labutas diárias, e coragem para que eu não desistisse.

Em seguida sou grata a minha família, em especial meus pais Geraldo e Erismar, vocês são meu alicerce, a minha motivação, principalmente a senhora minha Mãe, obrigada por ser tão forte, por nunca ter me deixado desisti, por assumir o papel de Mãe/vó enquanto eu estava na Universidade é meu exemplo de Mulher, profissional, e de ser humano.

Agradeço ao meu esposo João Martins por todo apoio, carinho, paciência e incentivos, e ao meu pequeno, grande Amor, Arthur, mesmo me dando tanto trabalho, és minha calma nas horas de stress e cansaço, vocês são minha fortaleza.

Aos meus queridos professores do curso de licenciatura em história por tantos conhecimentos a mim passados, conhecimento esses que foram de suma importância para minha caminhada tanto de forma profissional como pessoal, caminhada essa árdua, mas prazerosa, serei eternamente grata por todos os momentos de aprendizado junto a vocês.

E como falar em MOMENTOS sem falar dos meus HISTOFARRISTAS, Vanderlânia Morais (Aninha), Sarah Joama, Cláudia Cardinaly, Ligielle Adriano, Jucicleide Arruda, Maria José, Fabiana Sales, Thiago Farias, Gliverton Alves, Raimundo Filho, Júlio Cornélio e Edson Augusto. Sou grata a cada um de vocês por tudo que vivemos na UFCG, cada momento ficará pra sempre em mim.

Em especial a Vanderlania “minha Aninha”, minha companheira de labuta, tudo o que vivemos (caronas, aventuras, semanas de história...) não teria sido o mesmo se não estivéssemos juntas.

Ao amigo Thiago Farias por ter tanta paciência comigo, e por todas as ajudas e galhos quebrados, jamais esquecerei, saiba que o admiro muito.

A Danilo Cezário, por todas as colaborações com minha pesquisa e por me acalmar nos momentos de aflição.

Aos Amigos/irmãos que a vida me deu; Andréia Oliveira, Bruna Ferreira, Maria Eduarda, Felipe Tavares, Renata Tavares e Rafaela Tavares, o início desta caminhada começou aqui junto a vocês.

Agradeço aos professores Mariana Moreira Neto e Francinaldo de Sousa Bandeira pelo pronto atendimento ao convite para participarem desta banca. Fico horada!

Ao meu entrevistando Sr. José Cezário, por toda sua colaboração para o desenvolvimento da minha pesquisa, foi um prazer enorme entrevista-lo.

E por fim a minha orientadora Dr. Maria Lucinete Fortunato a senhora é um exemplo de profissional, a admiro muito, um ser humano sem igual, um anjo que Deus colocou em meu caminho, muito obrigado por tanta paciência e por todos os ensinamentos a mim passados, eternamente grata a Senhora.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos da historiografia local da cidade de São José de Piranhas-PB, notadamente com enfoque no comércio local e explicitando a importância das Bodegas como elemento principal da cidade, que movimentou por muito tempo as bases da vida social e da economia do lugar. Deste modo, estudamos as fontes bibliográficas disponíveis sobre a cidade e sobre o comércio, também discutindo uma bibliografia sobre o comércio global como suporte para pensar o local, além da fala de um morador da cidade que teve papel relevante no que se diz respeito às Bodegas (lugar de mercadejamento). A pesquisa foi referenciada por: Barros, Cezário, Donner, entre outros. Assim sendo, o texto aqui construído é fruto de um olhar singelo sobre um pouco da História das bodegas em São José de Piranhas-PB, ditas por seu José Cezário Sobrinho, cuja fala nos fez perceber a compreensão da bodega como espaço de mercadejamento, pautado em relações de confiabilidade, solidariedade e, muitas vezes, de trocas voluntárias de produtos.

Palavras-chave: São José de Piranhas-PB; comércio local; bodegas.

INTRODUÇÃO:

São José de Piranhas é um município brasileiro do estado da Paraíba localizado na microrregião de Cajazeiras. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 18.062 habitantes. Área territorial de 677 km².

Presume-se que o território onde se localiza São José de Piranhas foi constituído pelas antigas sesmarias pertencentes à Casa da Torre e pelos fazendeiros de Piancó que ali se estabeleceram no início do século XVIII. Tudo leva a crer que havia fazendas na região, pois em 1764 a sesmaria foi requerida e supõe-se que tenha sido doada à igreja. Ali foram sendo construídas casas e se formou uma povoação que recebeu o nome de São José de Piranhas, por localizar-se às margens do Rio Piranhas. O município possui um importante sítio histórico que é a fazenda conhecida como Sítio Pinheira, local onde se deu fatos relacionados ao período do cangaço e a revolução de 30 nos sertões da Paraíba. Sua emancipação política se deu em 24 de setembro de 1885.

O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. A cidade também é conhecida pela terra do poeta-repentista Manuel Galdino Bandeira, nascido em Patos, no ano de 1882 e falecido em 1955, em São José de Piranhas, onde se radicara e passara a exercer as atividades de agricultor. Cantador afamado teve oportunidade de cantar para o Presidente Getúlio Vargas. Suas estrofes se acham reproduzidas em diferentes livros sobre poesia popular. No Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, encontra-se a estrofe com que iniciou uma peleja com Pinto do Monteiro.

Em 1908, o Presidente João Machado criou o cargo de Prefeito Municipal, sendo nomeado Malaquias Gomes Barbosa para ocupar o referido cargo. Com o passar dos anos, construiu-se o açude Engenheiro Ávidos de Boqueirão e os engenheiros chegaram a conclusão de que a represa cobriria parte da Vila de São José de Piranhas, atualmente povoado de Piranhas Velhas. Com isso, o Povoado foi transferido para Jatobá. Esse nome perdurou até o ano de 1952, quando voltou ao topônimo de São José de Piranhas.

A história desta “corruptela” começa debaixo d’água, já que o antigo açude estourou e varreu boa parte da população para Cajazeiras, e a outra parte, insistente, foi morar num sítio

onde hoje é a atual São José de Piranhas. Fato ocorrido em 1885, por incrível que pareça depois de décadas do fato ocorrido, continua sendo um sítio. O motivo de tal nome é uma homenagem ao santo padroeiro da cidade São José, e também por estar localizada nas margens do rio Piranhas. A sede do município de São José de Piranhas também sofreu transformações ao longo do tempo quando da sua transferência para outro local, longe das margens da obra de construção do açude engenheiro Ávidos (Boqueirão) que se deu entre os anos de 1936 a 1937.

O comércio e seu desenvolvimento, baseou-se a princípio na troca voluntária de produtos e/ou mercadorias, dessa forma, um trabalhador poderia recorrer a produtos de outros para que então pudessem suprir suas necessidades. Através da troca de mão de obra por produtos ou de produtos em outros produtos, seria as primeiras formas de comércio do mundo antigo.

Com o passar do tempo, essas trocas passaram a ficar mais complexas uma vez que nem sempre as mesmas supriam as necessidades cabíveis dos envolvidos na comercialização. Além disso, a comercialização de algumas mercadorias de grande porte seriam as trocas diretas mais difíceis para as partes envolvidas. Com o objetivo de suprir e dinamizar as necessidades comerciais foram sendo criadas as primeiras moedas.

O desenvolvimento do comércio estimulou uma valorização não limitada em relação ao custo das mercadorias assim, empregando ao comércio, não só mão de obra, mais transporte, impostos e salários, assim o comércio foi se engrandecendo de acordo com as necessidades impostas pela sociedade e até pelo próprio mercado.

Não tão diferente das outras cidades do Sertão paraibano, São José de Piranhas teve sua ocupação inicial baseada na comercialização de gado. Em meados do séc. XVIII, quando o capitão Vital Vieira Costa obteve a primeira sesmaria da Paraíba, em seguida outros proprietários começam a surgir não só sesmeiros mais também herdeiros, onde se foi dando início ao povoado.

O comércio em São José de Piranhas teve seu desenvolvimento tardio, em relação às outras regiões. Destacam-se aqui, além dos criadores de gado da região, os tropeiros como um dos principais responsáveis por esse desenvolvimento. Esses tropeiros eram os mesmos sesmeiros que montavam tropas em mulas ou a cavalos, desenvolvendo assim, as primeiras rotas de comércio na região do Rio Piranhas (LIMA, 2010). Dentre as tropas que cruzaram a região do Rio Piranhas, as mais conhecidas foram três: o Sal- algodão, rapadura-farinha e Fumo-gado (LIMA, 2010).

A rota Sal-algodão seria a rota mais distante onde era transportado o algodão daqui para Mossoró-RN e de lá traziam sal e outras miudezas coisas que só tinha em cidades

grandes, porém a partir do séc. XVIII a rota foi transferida para a cidade de Campina Grande permanecendo lá até meados do séc. XX, quando foi substituída pelo caminhão. Já a rota rapadura-farinha era de São José ao Cariri cearense onde em meio ao comércio era transportado de lá alimentos para suprir a carência de outros em nossa região. A terceira rota denominada Fumo-gado, uma rota muito importante para a formação tanto populacional como econômica do nosso município, pois, além da presença do tropeiro surge a figura dos vaqueiros que eram responsáveis pelo transporte do gado.

Partindo desse viés do desenvolvimento da região do Alto Piranhas, dá-se início a criação de um pequeno vilarejo, o qual futuramente seria o município de São José de Piranhas. Com decorrer do tempo, os moradores dos primeiros “ranchos” montados na vila São José foram aumentando: mulheres, filhos e até mesmo animais de estimação, foram sendo trazidos ao longo dos anos, de modo que a pequena população foi aumentando. Assim, podemos afirmar que os sesmeiros/tropeiros e vaqueiros foram os desbravadores/responsáveis pela formação do povoado de São José de Piranhas.

Com o aumento populacional, as características de vila já estariam sendo deixadas para trás, assim, fora encaminhada a emancipação da Vila para Município de São José de Piranhas. Como a cidade tinha um difícil acesso às cidades vizinhas, os moradores tinham que procurar se erguer economicamente, principalmente, através do que se era produzido na terra e nas poucas mercadorias que vinham de fora.

Logo após a segunda metade do século XIX, a cidade já contava com alguns pontos comerciais, como agência dos correios, um cemitério, prefeitura, cadeia, coreto, uma igreja, e contava com três máquinas de algodão também havia o mercado municipal onde em seu interior havia algumas bodegas, e também algumas mercearias (CEZARIO, 2014).

Analisando esta historicidade e a minha vivência com pessoas de São José de Piranhas-PB, cidade a qual pertencço, bem como as pequenas narrativas sobre outros temas relacionados a ela: botijas, bodegas (objeto deste estudo) e as rotas do comércio sertanejo, despertou em mim uma curiosidade de historiadora para compreender melhor o meu lugar social, por meio da problematização das bodegas como lugar de mercadejamento.

A partir dessa compreensão, o presente estudo objetiva estabelecer uma discussão sobre o desenvolvimento comercial na cidade de São José de Piranhas, durante seus primeiros anos de desenvolvimento econômico e logo após a transferência da sua sede; as relações que alí se estabeleceram e como a História Local/Regional pode pensar esse desenvolvimento.

Traçaremos uma abordagem microrregional para compreender o desenvolvimento desse espaço da cidade, bem como um olhar sobre o processo de mercadejamento¹ que se deu por meio das bodegas (vendas locais).

Neste sentido, traçaremos uma lógica de estudo e análise para poder discutir, com base nas fontes que dispomos, os seguintes pontos: a abordagem da História Local/Regional como metodologia para a discussão das fontes históricas; a questão do comércio, elencando pontos de discussão sobre o próprio conceito de bodega; as definições historiográficas, o comércio local e o desenvolvimento da cidade baseado nele e, por fim as bodegas como locais onde se estabelece o pequeno comércio.

As bodegas representam um objeto comercial muito importante para aquelas pessoas de baixa renda o que as definem como um comércio dos consumidores, assim atendendo as necessidades básicas dessa classe. Baseando-nos na figura das bodegas e as feiras locais que eram responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade naquela época procuramos nos remeter ao desenvolvimento econômico de São José de Piranhas ressaltando a importância das bodegas neste contexto.

Com a transferência da cidade para a nova sede na década de 30, o comércio passou por uma nova roupagem, a feira que antes era feita no paço municipal passou a ser realizada nas ruas do centro da nova sede. De ano em ano, a modernização passou a caracterizar o comércio da cidade, muitas das bancas da feira livre foram sendo transferidas para prédios fixos bem mais modernos.

Assim, podemos observar que o comércio em São José de Piranhas passou por inúmeras transformações ao longo dos anos, desde a comercialização livre de gado, até mesmo as mais modernas Butiques hoje encontradas no centro da cidade. O nosso interesse por pensar esse processo de desenvolvimento econômico deve-se ao fato de que a história do município não foi estudada por meio de trabalhos acadêmicos, deixando uma lacuna que dificulta o estudo da História local, daí a relevância de se desenvolver um estudo dessa natureza. Ou seja, estes pontos que serão revelados no texto e discutidos conforme a abordagem proposta e as fontes utilizadas pretendem trazer uma discussão sobre a Cidade de São José de Piranhas, compreendendo a importância destas questões para a história local e trazendo para a academia um debate sobre a historicidade piranhesse, tão revelada nos discursos das pessoas, porém, pouco problematizada na historiografia.

¹ Fazer transações comerciais, comprar ou vender, comerciar com outrem, negociar por meio em que haja um estabelecimento de vínculo de valor.

Neste sentido, o presente estudo objetiva estabelecer uma discussão sobre o desenvolvimento comercial na cidade de São José de Piranhas, durante seus primeiros anos de desenvolvimento econômico, e, logo após a transferência da sua sede, tendo como objetivos específicos pensar o desenvolvimento comercial do município, enfatizando a figura das bodegas e as mudanças operacionalizadas na economia ao longo do tempo, durante o século XX. Tem como fonte primária a fala de Seu José Cezário Sobrinho, um dos principais bodegueiros da região no período analisado. A entrevista foi semiestruturada, por meio de um roteiro prévio com algumas perguntas relacionadas ao nosso objeto de estudo.

Sendo assim, no primeiro capítulo, faremos uma abordagem da História Local/Regional como metodologia para a discussão das fontes. O estudo Local/Regional é apreendido como modo de compreensão do micro espaço da cidade e ainda a historiografia local que discursa sobre a mesma com base em autores locais.

O segundo capítulo propõe trazer uma discussão sobre o comércio local e seus desdobramentos durante o século XX como um mecanismo tanto gerador de riquezas quanto de pobreza no que tange a acumulação de capital (Renda) e sua distribuição, considerando que a riqueza de um lugar não se mede apenas pelo progresso, mas pelas relações de ganho e perda entre as pessoas nas suas práticas cotidianas. Assim poderemos compreender estas especificidades (características) do comércio local das bodegas.

Já ao longo do terceiro capítulo, faremos uma problematização da fala do senhor José Cezário Sobrinho. De forma que dividiremos a discussão em três momentos, nos quais faremos uma análise sobre sua vivência e trabalho como comerciante; a bodega que possuiu enquanto esteve em atividade; e como ele se percebe enquanto parte do comércio local, ao qual esteve inserido. Nos interessa perceber como ele caracteriza “as bodegas” enquanto lugar de mercadejamento, a partir de sua vivência.

CAPÍTULO I: POR UMA HISTÓRIA LOCAL / REGIONAL: PERSPECTIVAS E APONTAMENTOS.

A História Local (ou Regional) é um campo da história que se debruça sobre o estudo de temas da historiografia na qual podemos apreender as discussões e as análises feitas sobre os vestígios, documentos e registros de objetos e também de lugares como as cidades. “[...] Uma prática historiográfica que tem por objetivo o estudo do local. Entende-se como local um lugarejo, aldeia, vila e cidade. As metodologias de pesquisa são herdadas das abordagens construídas pela Escola dos Annales utilizadas na História Regional”. (CORRÊA, 2012, p. 9).

Desta forma, podemos compreender que,

A busca pela História Local passou por um crescimento ao longo das últimas décadas. Muitas pessoas se interessam por esta história por razões nostálgicas, para elas, conhecer e pesquisar sua história traz um sentido de pertença, de lugar no mundo (DONNER, 2012, p. 225).

De modo geral, percebe-se que os estudos locais, sobretudo quando se debruçam sobre a cidade, nomeada como lugar de construção e desenvolvimento cultural e econômico, elaboram olhares acerca das origens, das passagens, das narrativas e as transformações ocorridas ao longo de anos ou períodos.

[...] diretamente ligada ao estudo regional que oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.). (SILVA, 1990, p.13).

A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado de fazer a ponte entre o individual e o social. [...] (SILVA, 1990, p.13).

Neste sentido, local e regional a pesquisa desse campo foi ao longo da história da história ganhando corpo,

A História Local acadêmica, devedora dos Annales e das novas correntes historiográficas do século XX contribui ao escapar de ser uma mera comprovação da História Geral e buscar, através dos estudos regionais, compreender como o processo se desenvolveu para aquelas pessoas, que

soluções elas encontraram para seus problemas cotidianos. (DONNER, 2012, p. 223-224).

Muitas das pesquisas de História local estão assim relacionadas a objetos do interesse do historiador. Seu “lugar social”; narrativas que o cercam ou mesmo temas que por outros já foram tratados, Porém visto com uma metodologia própria e uma caracterização textual peculiar de cada autor. Pois, “toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 1982, p. 18).

Somem-se a isso, os momentos de dificuldade do historiador de encontrar as fontes necessárias para tratar do tema em análise. Pois, a depender do objeto estudado, nem sempre há uma disponibilidade de fontes de fácil acesso para extrair as informações que desejamos no momento da análise da construção textual. Há que se entender que este campo de estudo local também pertence a uma área mais abrangente que é o regional. Sobre a História regional BARROS (2004, p.152) afirma:

O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar.

E seu recorte é dado pelo historiador que faz uso desta abordagem histórica para analisar e problematizar seu objeto de estudo, a metodologia que sustenta e condiciona seu texto a se enquadrar como texto científico nos moldes da academia.

Para tanto,

[...] só se entende, então, metodologicamente falando, como parte de um sistema de relações que ela [região] integra. Deve, portanto, ser definida por referência ao sistema que fornece seu princípio de identidade. Assim, pode-se falar tanto de uma região no sistema internacional ou dentro de uma das unidades de um sistema político federativo. Pode-se falar igualmente de uma região cujas fronteiras não coincidem com as fronteiras políticas juridicamente definidas. (BARROS, 2004, p. 152)

A região aqui está para o simbólico ou o socialmente definido/elaborado e é objeto de estudo do historiador conforme a sua prática e ofício revelado. Assim, o pesquisador deve ter identificação com o assunto, nesse caso deve ainda apresentar afinidade com a região em estudo. Não se trata de uma questão de ter uma ligação sentimental ou de “dívida” com a região estudada (CAPRINI, s/d, p. 04), mas de pertencimento. Num sentido mais amplo, de

estar ligado ao espaço que se estuda, perceber as suas características impressas nos documentos, nas falas, nas pessoas e nos lugares que compõe o dito local. Além do que,

(...) de qualquer modo, o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior (o espaço nacional, uma rede comercial (BARROS, 2004, p. 153)

A comparação pode significar o início de uma revelação das análises. Algo que se revela para o historiador a partir do momento em que ele busca sentir o local por seu próprio filtro, pela relação que este passa a criar com o envolvimento da pesquisa. Assim sendo, ao traçarmos uma narrativa historiográfica sobre a cidade de São José de Piranhas, em nível local, abrimos um leque de possibilidades de estudar e problematizar seu contexto local por meio dos elementos que compõe seu cotidiano.

1.1. A cidade: a dimensão local da historiografia.

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, das circunstâncias dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos, mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. “A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do passado (...). A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata” (CALVINO, 1994, p. 7).

Ítalo Calvino (1994) na sua obra “As cidades invisíveis” nos apresenta a sua forma de enxergar a cidade, suas formas, cores e traços do cotidiano que são perceptíveis a todos. Não há, portanto, estranheza, há virtudes apreciadas, objetos para ser recordação da memória individual e coletiva que é compartilhada por boa parte dos indivíduos daquela cidade. Os arcos, como cita, os portículos, e tantas outras coisas são recordação, memória, novamente coletiva ou individual. A cidade se faz por ela e pelos que dela fazem parte, um emaranhado de histórias, uma trama para contar o que ela é ou venha a ser.

Essa questão da cidade pode ser entendida com reação a dimensão histórica que pretendemos inserir a pesquisa. A cidade é perceptível por meio da abordagem que enquadrámos a mesma e o resultado da pesquisa é o reflexo dessa abordagem.

Paula André (2015, p. 90) ao analisar a questão dos saberes construídos a partir da realidade urbana e da reflexão sobre o estudo das cidades aponta que,

A realidade urbana actual tem sido tema de investigação e reflexão em monografias e ensaios, plataformas e laboratórios, exposições e seminários, que a partir de uma caracterização do presente ambiente construído e trabalhando numa convergência dos saberes (arquitetura, urbanismo, geografia, economia, história, antropologia, filosofia, sociologia, arte, design...), procuram debater visões prospectivas das quais resulta um vasto reportório conceptual que constrói a história urbana.

Esta realidade urbana tem sido tema de reflexão nos últimos tempos com enfoques diferenciados, mas, sobretudo com nítida atenção para as transformações ocorridas nos espaços nas décadas iniciais do século XX. As cidades deram lugar ao progresso, foram modernizadas mesmo que para isso tivessem mesmo que mudar de lugar. O complexo processo do contemporâneo território urbano é o espelho das dinâmicas, das convergências, das contradições e dos discursos do mundo simultaneamente globalizado e localizado (ANDRÉ, 2015, p. 90). Acontecendo que a cidade se localiza e a sua história é localizada pelo que ela produz.

Na análise aqui proposta este aspecto de perceber como a cidade é estudada e como o historiador pode pensar sobre ela suscita ainda dizer que,

A cidade é cesura, ruptura, destino do mundo. Ao surgir com a escritura ela abre as portas para a história. (...) A cidade é um espaço de densidade teórica e temporal complexa, um objeto de saberes e de práticas que compõem imagens, memórias e ações diversas (FILHO, 2015, p. 1).

Filho (2015) se vale da interpretação de Braudel conjurando o momento de análise para a cidade demonstrando que “A vida da cidade está associada a um espaço de longa dimensão, de onde vêm seus homens, onde estão suas relações comerciais, cidades, vilas e mercados que aceitam os seus pesos e medidas ou suas moedas (...)”, suas trocas simbólicas, seus desejos de reinventar sua convivência social, a regulação das horas e as falas postas em roda de conversa, que depõem em favor de construí-la.

Ao citar LEPETIT (2001) argumenta que a cidade é lugar de reinvenção um espaço que se reelabora para dar lugar ao novo e a atividade do historiador pode perceber esse processo empírico intelectual,

A cidade vista como palimpsesto², como uma superposição de técnicas construtivas, estilos arquitetônicos ou ciclos econômicos é, para Lepetit, uma solução fácil, na qual a sua “compreensão se esgotaria no achado dos vestígios antigos sobre a escrita mais recente”. Uma atividade de antiquário, na qual a história seria capaz de contribuir muito pouco. Mais do que a observação empírica das transformações concretas da cidade, trata-se de dar “aos usos sociais da cidade a mesma atenção classificatória que se dedicou às formas urbanas” (LEPETIT *apud* FILHO, 2015, p. 2).

Assim podemos afirmar, que de maneira bem simples, mas não pormenorizada, a cidade se faz no cotidiano e nas práticas dos seus habitantes que no dia a dia revelam os prazeres, os medos, as alegrias, o trabalho e a felicidade de viver nela. Neste sentido, a imagem da cidade é também a de seus habitantes, ela se reinventa para ser talvez melhor, cria e recria espaço, lugares havidos e convidativos a serem percebidos pelo pesquisador. A cidade é, pois, nicho de mudanças constantes e de ritualizações que lhe dão a legitimidade de ser não só um conceito, mas um lugar de práticas: sociais, econômicas e culturais, a cidade viva.

São José de Piranhas, por exemplo, é uma cidade que sofreu transformações significativas, pois mudou de lugar para dar espaço à implantação do açude Engenheiro Ávido (Boqueirão de Cajazeiras-PB), plataforma das obras contra as secas no sertão da Paraíba e expoente do progresso na região. Daí a importância de problematizar como esse processo revelou ao seu povo as inconveniências de ter que se deslocar para dar lugar às garantias de que o sertão teria água com a construção do açude Boqueirão, ainda que sua população tenha que se tornar nômade e deslocada no tempo e espaço, e a cidade se configurassem como uma cidade andante e peregrina.

1.2- Autores/atores da História de São José de Piranhas.

A cidade de São José de Piranhas engloba, na sua historicidade, a Piranhas Velha ou Distrito da Paz como assinala LEITÃO (1985) em sua obra “São José de Piranhas: notas para sua História”, revelando a criação de um núcleo urbano ao redor de uma capela na localidade por volta de 1840.

Sobre isso diz Deusdetit Leitão que,

² Lugar que se recupera e se reinventa.

Supõe-se que a capela de São José de Piranhas data do início do século passado, com a mesma origem e formação das outras localidades da região. Documentos existentes no arquivo da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, de Souza, fazem referência a batizados e casamentos realizados naqueles distantes anos na pequenina capela de São José. Era ela a mais afastada das três capelas então existentes na vasta freguesia do Rio do Peixe, o que acarretava para o seu vigário a penosa obrigação de visitá-la, periodicamente, para a prática do seu ministério (1985, p. 21-22).

Presume-se que o território onde se localiza São José de Piranhas foi constituído pelas antigas sesmarias pertencentes à Casa da Torre e pelos fazendeiros de Piancó que ali se estabeleceram no início do século XVIII. Tudo leva a crer que havia fazendas na região, pois em 1764 a sesmaria foi requerida e supõe-se que tenha sido doada à Igreja, pois “As capelas davam a origem a formação de arraiais que se constituíam em povoação de relativa importância econômica e social” (LEITÃO, 1985, p. 21), e que ali foram sendo construídas casas e se formou uma povoação que recebeu o nome de São José de Piranhas. Sendo São José, referente ao padroeiro da cidade e de Piranhas, por localizar-se às margens do Rio Piranhas.

O município possui um importante sítio histórico que é a fazenda conhecida como Sítio Pinheira, local onde se deram fatos relacionados ao período do cangaço, e a revolução de 1930 nos sertões da Paraíba. Sua emancipação política se deu em 24 de setembro de 1885. E está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca.

Em 1908, o Presidente João Lopes Machado criou oficialmente, o cargo de Prefeito Municipal, sendo nomeado Malaquias Gomes Barbosa para ocupar o referido cargo. Como reconhecimento ao valor do povo piranhense. Para tal, uma estratégia do Presidente da Parahyba (sic) que naquele momento iniciava seu governo e certamente precisava de aliados políticos, mesmo que de distantes rincões.

Com o passar dos anos, construiu-se o açude Engenheiro Ávidos de Boqueirão e os engenheiros chegaram à conclusão de que a represa cobriria parte da Vila de São José de Piranhas, atualmente povoado de Piranhas Velhas. Com isso, o Povoado foi transferido para Jatobá. Esse nome perdurou até o ano de 1952, quando voltou ao topônimo de São José de Piranhas.

A cidade também é conhecida como terra do poeta-repentista Manuel Galdino Bandeira, nascido em Patos, no ano de 1882 e falecido em 1955, em São José de Piranhas, onde se radicara e passara a exercer as atividades de agricultor desde moço.

Cantador afamado, Manuel Galdino Bandeira teve oportunidade de cantar para o Presidente Getúlio Vargas. Suas estrofes se acham reproduzidas em diferentes livros sobre poesia popular. No Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, encontra-se a estrofe com que iniciou uma peleja com Pinto do Monteiro.

A história desta “vila” começa de baixo d’água, já que o antigo Açude São José (Açude da CAGEPA) estourou e varreu boa parte da população para Cajazeiras, e a outra parte, insistente, foi morar no Sítio São José, onde hoje é a atual São José de Piranhas. Fato ocorrido em 1885, por incrível que pareça depois de décadas do fato ocorrido, continua sendo um sítio. O motivo de tal nome é uma homenagem ao santo padroeiro da cidade São José, e também por estar localiza as margens do rio Piranhas.

Essa memorialística da cidade de São José de Piranhas revela que sua história vem sendo contada a reboque de alguns autores que, por obedeceram a uma construção historiográfica ainda do século XIX, acabam por figurar a cidade como um lugar de conquista e apenas beleza, enaltecendo nomes, e outros pontos que fazem da história local a narrativa reinante. Em que pese à existência do trabalho de relevante consistência e discussão do historiador, Danilo de Sousa Cezário em sua obra monográfica: “São José das botijas ou as botijas de Piranhas: a formação de um imaginário histórico-cultural no sertão paraibano (São José de Piranhas, 1930-1950)”, existe ainda uma carência de trabalhos que revelem uma discussão sobre a referida cidade, que nos moldes da academia problematize-a de fato sob a tutela de uma abordagem historiografia nova.

Todavia, já utilizamos no início dessa discussão a obra de Deusdetit Leitão (1985), que lança um olhar sobre a cidade de maneira tradicional elencando pontos da historiografia local, desde as origens passando por desdobramentos da política, formação do núcleo urbano, peculiaridades e seu desenvolvimento econômico e social. Porém com o olhar que não do historiador acadêmico, mas do escritor profissional que se debruça sobre um tema de origem e busca imprimir através de uma narrativa “dita positivista” os emblemas, signos e elementos que julga ser o da “verdadeira história” da cidade de São José de Piranhas.

Outro texto de Messias Ferreira de Lima (2010) “**São José de Piranhas: Um Pouco de Sua História**”, em que imprime caráter parecido à narrativa. O autor traça um panorama da cidade recordando fatos do interior, como o cangaço, a política, as casas de farinha, os comércios e tantos outros pontos que em forma de narrativa parecida com o autor anterior

trazem ao texto a impressão de nostalgia, saudade de outros tempo, um memorialismo quase que inconteste, reveladora de uma memória do lugar e dos traços citadinos que julga importantes para trazer a tona.

No entanto, a academia se debruçando sobre temas locais e regionais pode ser expressa pela obra de Cezário (2014), a qual já nos referenciamos anteriormente, para falar de uma obra que traz uma discussão com mais historicidade sobre temas locais de relevância para o campo da História Local/Regional.

Ao falar do tema de seu estudo, as botijas, diz o autor,

Nos últimos anos, a historiografia brasileira vem se (re)fazendo em termos de estudos sobre a história cultural. Nessa perspectiva, neste capítulo, serão estudadas as botijas como elementos culturais relacionados ao imaginário de uma determinada região – no caso, a cidade de São José de Piranhas. Serão trabalhadas as botijas e suas representações no mundo do que é incrível e do crível (CEZÁRIO, 2014, p. 17).

Revela o autor que sua pesquisa se enquadra no espaço da cidade, não propriamente o urbano, mas a cidade simbolicamente. Isso nos faz pensar como um tema que dá enfoque a uma especificidade nos leva a refletir sobre as possibilidades de historicização da historiografia da cidade e das fontes escritas que falam sobre ela.

Considerando essa compreensão, o estudo que ora desenvolvemos marca o trato das fontes que pretendemos analisar por meio do pensar a cidade na sua multiplicidade e do traçar um olhar sobre a mesma que possibilite uma reflexão historiográfica, sobretudo no que diz respeito à sociabilidade no âmbito do comércio local e ao desenvolvimento da cidade baseado nele, problematizando as “bodegas” como locais de mercadejamento e de referencia para as mudanças operacionalizadas na economia, ao longo do século XX.

CAPÍTULO II: AS BODEGAS: LUGARES DE “MERCADAJAR”.

Este capítulo propõe trazer uma discussão sobre o comércio local e seus desdobramentos durante o século XX, como sendo um mecanismo tanto gerador de riquezas quanto de pobreza no que tange a acumulação de capital e sua distribuição, considerando que a riqueza de um lugar não se mede apenas pelo progresso, para que possamos compreender o estudo local.

A cidade como ponto de discussão, sua gente, seu desenvolvimento e as potencialidades que se construíram, abre caminho para que possamos pensar a localidade como ponto de referencia para seus integrantes. Buscaremos compreender como as atividades comerciais se desenvolveram na cidade e o que isso afetou na vida das pessoas.

Para tanto, pensar estas referências comerciais implica em saber que,

Estabelecimentos destinados à venda de comestíveis e não comestíveis existiram no Brasil desde os tempos coloniais. Na beira de estradas e caminhos muitas vendas e armazéns contribuíram para a formação dos primeiros centros urbanos no Brasil e se tornaram essenciais para o abastecimento e lazer de seus habitantes (TELEGINSKI, 2014, p. 4).

Neste ponto o comércio local é uma espécie de “motor” que faz circular as pessoas, os bens e as relações entre elas. Produtos de necessidade básica para sobrevivência são comercializados, o mercadejamento de utensílios, de vestuários e de outros tipos de materiais que sirvam as pessoas possibilita compreender como essa dinâmica social comporta a construção dos lugares e a manutenção deles.

TELEGINSKI (2014) corrobora desse pensamento quando faz destacar a questão da imigração e o mercado que gira em torno desse fenômeno geográfico, aludindo, assim, que o comércio é um fator transformador de lugares e cidades por suas características de mercado local e global. Diz a mesma que,

Entre os séculos XIX e XX, momento em que os fluxos imigratórios se intensificaram no sul do Brasil, os pequenos e grandes armazéns ou casas comerciais de secos e molhados lá estavam fornecendo o necessário para imigrantes e brasileiros que ocupavam o território e construía novas cidades. Desde o final do século XVIII e ao longo do XIX a expressão “secos e molhados” servia para nomear um conjunto amplo de itens comercializados nas lojas, vendas, armazéns e por vendedores ambulantes em São Paulo e Minas Gerais (TELEGINSKI, 2014, p. 4).

Tais aspectos do comércio são o ponto de partida para que possamos entender como a dinâmica social de um lugar sobrevive às transformações do tempo, elegendo para si as relações valorativas de comprar e vender como ponto chave, sobretudo para o desenvolvimento das cidades pequenas e interioranas. A cidade de São Paulo, por exemplo, é hoje uma megalópole cosmopolita, mas, no passado, era uma vila de comerciantes e padres. Esse ponto pode nos remeter a refletir sobre o comprar e vender que faz com que as localidades se desenvolvam em torno de uma ou outra atividade comercial, estas impulsionadas por uma relação social de confiabilidade, de cordialidade e de conhecimento dos núcleos familiares, que zelando por uma aparente reputação em meio ao nicho social corrobora para transparecer uma imagem de honestidade. Isso resvala na relação de “crédito” as famílias dos lugarejos ricos ou pobre tinham em determinado grau de diferenciação. O mercado local, portanto, é um ponto nevrálgico no cotidiano e nas relações sociais das pessoas. O ponto que podemos nos ater nessa relação também é o mecanismo de troca, como aponta TELEGINSKI (2014),

Os mecanismos de trocas desiguais que se apresentam nos documentos tais como os livros de registros contábeis, depoimentos orais e em pesquisas sobre o Paraná evidenciam que vários comerciantes enriqueceram e ampliaram seus negócios anexando novos espaços e transformando pequenos botecos em “bodegas-depósito”: armazéns maiores, supridos com variedade de produtos, mas funcionando também como bar. Nesses armazéns mais apetrechados havia simultaneamente o fornecimento de mercadorias e a compra de safras agrícolas que eram armazenadas em depósitos para revenda (p. 8).

O mercado, assim, é o mecanismo local de mercadejamento, onde ganhos e perdas se configuram como o núcleo duro de suas relações, incluindo o registro das trocas, a honestidade de quem registra e de quem compra. Uma localidade tem no comércio local um espelho de sua realidade social, do seu cotidiano de sobrevivência e dos seus habitantes que são parte fundamental desse processo de mercadejamento.

Não podemos estranhar nessas relações esses aspectos e também deixar de notar as implicações disso, pois,

A vida pública e privada do comerciante se separavam pela cortina da porta atrás do balcão visando favorecer as melhores relações com seus fregueses. Ao burlar as leis municipais, teciam táticas dentro do campo estratégico de ação da câmara municipal e tornavam-se donos do tempo no campo de relações com seus fregueses (TELEGINSKI, 2014, p. 15).

Ganhos e perdas são demonstrativos das relações estabelecidas no momento tanto do desenvolvimento como da decadência, a parte que ganha mediante o lucro obtido com seu varejo tenta a expandir e as relações que se estabelecem ao redor dele podem oscilar, Porém são em grande medida de mais ganhos. Já os que perdem tendem a entrar em decadência, ou mesmo demorar apenas um pouco para se reinventar, a mediada que se remodelam pode passar de um estágio para outro.

Estas perdas e ganhos em determinados casos eram determinadas pelo comprador, freguês de um comércio local, visto que,

Para que o freguês tivesse o benefício do crédito era necessário teria apresentar um “bom comportamento” diante do comerciante. As relações de crédito nas bodegas são evidências significativas para analisar que entre os bodegueiros e seus fregueses havia relações de poder que se construíam de maneira intersubjetiva, convenientes e que, muitas vezes, excediam as relações de mercado, dos preços e das trocas (TELEGINSKI, 2014, p. 15).

Dessa forma, nunca podemos dizer nitidamente quem perde ou quem ganha, mas que o desenvolvimento depende de mudanças e transformações ora boas, hora ruins e que a construção social e material de um lugar vai depender destas relações e funções de mercadejamento estabelecidas entre os indivíduos, “Essas importantes funções conferiam poder econômico e simbólico ao comerciante que ao exercer seu ofício influenciava as experiências cotidianas de seus fregueses e na vida da cidade” (TELEGINSKI, 2014, p. 17).

2.1- Comércio e trabalho: o labor dos interiores.

Neste ponto, discutiremos a relação do trabalho e o comércio nos interiores do nordeste. Os aspectos relacionais dos indivíduos e as questões que envolvem o deslocamento populacional em virtude do trabalho e o comércio juntamente com as transformações que ocorrem nas localidades, cidades interioranas.

Portanto, iremos refletir um pouco sobre estas questões a fim de trazer para nossa discussão os pontos chave para o entendimento da proposta geral do trabalho, estabelecendo uma discussão em torno do sujeito migrante que sai em busca do trabalho e sua passagem ou estadia tem relação direta com o comércio local.

Neste sentido, Silva (2017), numa análise sobre a relação entre migração e trabalho no interior cearense, cita Rossini (1985) e Becker (1997), para afirmar que,

O sujeito que migra é identificado nas teorias tradicionais do estudo da população como um ente individual. Na abordagem clássica “O migrante era medido pelo número, pelo tempo de permanência e pela relação entre eles e os naturais, definindo assim áreas de atração e repulsão da população” (SILVA, 2017, p. 5).

Este sujeito estaria fadado a ser medido apenas no sentido majoritariamente numérico, presentificado como população/“rebanho” contado, a ser enxergado com esse aspecto desprovido de suas relações sociais para com o lugar de pouso ou passagem. Entretanto, seria preciso enxergá-lo de outra maneira, como indivíduo de atitudes relacionais que tende a se inteirar do lugar que está para prover sua sobrevivência mesmo que de passagem.

Irá o migrante estabelecer relações desde o início, seja como um trabalhador que passa em busca de paragem, seja como aquele que vem em busca de estabelecer-se. Neste sentido o comércio é um de seus pontos de referencia, caso seja acessível e atrativo, o espaço estará sendo moldado por relações de confiabilidade de quem recebe o migrante, seja ela por meio de trocas com garantias, seja por confiar em uma palavra empenhada. Daí se estabelece as relações de vivência e sobrevivência para uma parte daqueles que por ventura se agregam a este espectro de relações.

Todavia, o migrante não estaria aprisionado, seria ele um passageiro que estabelecia relações anônimas do ponto de vista macro e referencialmente empenhadas do ponto de vista micro, já que era estrangeiro. Assim sendo,

O migrante era genericamente caracterizado como independente das múltiplas relações que se estabelecem no espaço geográfico, que são socioeconômicas e político-culturais. De maneira que se (...) destaca a teoria neomarxista, que valoriza o capital como mote propulsor da migração, não mais para um indivíduo, mas sim, para grupos. Trata-se de um enfoque histórico-estrutural. Neste sentido, delineiam-se motivos políticos e econômicos conjunturais ou causas econômicas mais estruturais (SILVA, 2017, p. 5).

De acordo com essa compreensão, o migrante e sua relação com o trabalho desembocam numa questão a ser pensada. O comércio local o via como passageiro, figura de agrupamento que possibilitaria apenas uma ou outra relação mínima, talvez lhes provesse de

pouca atratividade por desconhecer suas origens, ou por outro lado poderia mesmo abraçá-lo em casos específicos quando este lhe transmitisse uma garantia de sucesso.

Podemos perceber que,

De acordo com as discussões sobre migrantes e suas relações nos espaços geográficos, faz-se necessário entender como esses sujeitos atuam como trabalhadores no setor de comércio, ao tempo em que são inseridos e participam da dinâmica do espaço intraurbano. Nesse sentido, várias são as formas de integração dos mesmos (SILVA, 2017, p. 6).

Silva (2017), ao dar ênfase a esta passagem elabora seu pensamento para dizer que, “o comércio se inseriu desempenhando um importante papel na estruturação da sociedade, principalmente no meio urbano. Pois é na cidade que o comércio encontra um lugar permanente, ligado principalmente ao grande aumento da população nos centros urbanos” (SILVA, 2017, p. 7).

Desse modo, a cidade, local do comércio e trabalho, se desenvolve e passa a ter outra configuração, sua dinâmica social e as relações que se conjugam entre as pessoas e modelam a vivência do lugar. O local tem sua relação viva com os mecanismos de trabalho e consumo, as pessoas fluem para as cidades nessas relações e,

Na medida em que acontecia o avanço da técnica, dos meios de transporte e de comunicação, essas transações comerciais deixaram de possuir um caráter local e passaram para o âmbito global. Esse momento histórico teve grande influência dos processos de implementação e consolidação do capitalismo (...). A cidade, deste modo, desempenhou e, ao mesmo tempo, possibilitou o desenvolvimento da atividade comercial, principalmente a partir do capitalismo, após o fim do período feudal, quando começam a ganhar importância as feiras comerciais embriões das futuras cidades comerciais (SILVA, 2017, p. 7).

Esse aspecto local que se projeta para o global tem relação direta com o desenvolvimento das cidades como espelho de mercado. A relação comércio e espaço é uma linha de pesquisa importante que pretendemos ampliar nos estudos e em sua interação com a discussão do migrante que se insere e se fixa no novo espaço a partir da atividade comercial (SILVA, 2017).

Para que possamos compreender como esse processo se dá é preciso olhar para este fluxo do comércio nas localidades. Isso por que,

Na sociedade contemporânea é possível perceber que existe uma fragmentação do espaço urbano, com o intuito de atender diferentes segmentos sociais. Diante disso, faz-se necessário a compreensão do espaço de centralidade. Produtos e serviços que tradicionalmente eram apenas encontrados nos centros comerciais das cidades, são neste período de pesquisa instrumentos de trabalho da população migrante (SILVA, 2017, p. 7).

É necessário, pois, considerar que a relação do mercado local com o trabalho se dá pelas transformações que passam as cidades. Por vezes até as mudanças operacionalizadas nas cidades, em termos de mudança estrutural ou política, podem afetar essas relações. Visto que,

(...) núcleos urbanos que nasceram e cresceram ao longo das rotas comerciais, dos grandes caminhos abertos pelo tráfego de mercadorias, que transitavam e penetravam o vasto interior das regiões em direção aos núcleos urbanos e as suas praças de escambo onde eram realizadas as trocas, o comércio condicionou grandes transformações espaciais e determinou a conquista de novas terras (SILVA, 2017, p. 7).

Nestes termos, pode-se afirmar que o comércio é fluido, e o lugar projetado nas relações estabelecidas pelos indivíduos é que determina como ele se apresenta. A cidade pequena, núcleo urbano interiorano, por exemplo, vive e se desenvolve em torno desta atividade “capital”. Assim sendo, “a localização do comércio se dá em função da clientela, e o esquema espacial se resume a um centro (local do comércio) e a uma zona que o envolve (local de clientela). Este esquema vai aparecer relevando a hierarquia estabelecida em diferentes escalas espaciais” (PINTAUDI *apud* SILVA, 2017) e as pessoas que fazem o comércio é que definam sua importância para o desenvolvimento do lugar.

2.2-O comércio das bodegas: apontamentos sobre o lugar.

[Bodega:] Uma espécie de taberna que de forma pejorativa lhe era atribuída aspecto sujo e normalmente mal frequentada. Um lugar sem muita higiene e com uma péssima apresentação aos clientes (SILVA, 2013, p. 28).

A epígrafe acima deixa claro uma conceituação de Bodega, genérica, contudo, clara para podemos iniciar o percurso dessa discussão que irá se aprofundar em detalhes no terceiro capítulo deste trabalho.

Assim, vale dizer que com um olhar retrospecto sobre o lugar da bodega no processo de composição das cidades do interior cearense entendo que esta representa a movimentação de um cenário social, que mediado pelo fator econômico está associado ao elemento “cultura” (SILVA, 2013, p. 28).

Para Silva (2013), o fator econômico aí é um estado ou maneira de existir destes lugares, pontos de comércio, paragem de mercadejar, independente de sua localização espacial.

(...) da forma que são apresentadas, pode-se compreender o termo bodega como uma variação linguística bastante singular, servindo para designar lugares onde de tudo se pode encontrar, pequenos estabelecimentos comerciais também conhecidos como armazém de secos e molhados, dentre outras denominações. A princípio, uma vez trazida para o Brasil pelos colonizadores imigrantes europeus, ao adentrar, sobretudo a região Nordeste, utilizava-se de tal expressão para fazer referência a lugares onde se vendiam comidas e bebidas alcoólicas. (SILVA, 2013, p. 28).

Dessa forma, as bodegas eram vistas como lugares de sociabilidade do bairro, locais com função social, de integração múltipla, e dentro dessa ótica este tipo de comércio, embora voltado ao abastecimento da população, extrapolava também essa função, sendo, para Silva, (2013) parte de um processo de construção e transformações socioculturais, comportamentos e modos dos indivíduos verem o mundo, o outro e a si mesmo. Assim sendo, além de serem responsáveis pela venda de alimentos, ao lado de mercados públicos e vendedores ambulantes, como as quitandeiras dentre outros, as bodegas se configuraram como um apoio fundamental na vida cotidiana das pessoas que dependiam destes locais para obter seus produtos básicos.

Neste mesmo sentido a historiografia do Brasil nos traz alguns aspectos para entendermos estas questões sobre as bodegas, como demonstra Silva (2013, p. 31-32), no sentido de que,

(...) outras perspectivas historiográficas que fizessem referência as bodegas no âmbito da formação das cidades, uma vez encontradas eram sempre taxativas quanto sua funcionalidade dentro do mercado de consumo e abastecimento de bens de primeiras necessidades da população. Em regra, retratadas como estabelecimentos comerciais varejistas ou retalhista, onde o comerciante não apenas vendia a mercadoria como também prestava outros serviços à comunidade em torno da qual estavam inseridos, tinham também como característica a venda ao balcão, as formas de venda e relação estreita entre comerciante e consumidor como já fora reforçado anteriormente pelos demais pesquisadores, destacando-se, ainda, a forma de comercializar independente e o predomínio da gestão familiar.

O recurso de informações para que entendamos estas questões sobre a bodega podem ser percebidas acima quando é apontada a relação de estreitamento existente entre do dono da bodega e sua clientela, dado assim como não só um serviço prestado, a presença da família no negócio que dava um aspecto de lar comercial, todos conheciam todos, via de regra, e estabelecia uma relação de conhecimento. Podemos dizer, que a relação do freguês para com o dono do estabelecimento e vice versa gera uma rede de pertencimento, de trocas simbólicas e numerárias.

De uma forma ou outra é importante perceber como as bodegas se apresentam do ponto de vista conceitual e do estabelecimento de suas relações. Podemos dizer então que,

(...) as bodegas que, em sua maioria, se caracterizam pela utilização do autosserviço, dotados de uma forma de atendimento que coloca em contato direto vendedor e consumidor, privilegiando deste modo o fator proximidade, constituem, sobretudo, formas de venda alicerçadas na “arte de comerciar” sobre o balcão (...) possibilitando, desta forma, relações comerciais amistosas e “integradas” à vida dos habitantes dos bairros pobres das cidades (SILVA, 2013, p. 32).

Portanto, estas considerações pontuais sobre as bodegas principiam a discussão que virá no terceiro capítulo onde será discutido, com base na abordagem da oralidade, por meio do conteúdo de uma entrevista, as bodegas na Cidade de São José de Piranhas-PB.

Pautada nessa lógica, os pequenos e tradicionais comércios que acontecem através de “lojas de ruas” (sejam ruas centrais ou periféricas), classificados, ainda, como “comércio independente”, por não pertencerem a cadeias de lojas ou estarem inseridos em shopping centers, “é a alma da cidade”, pois estes nascem com ela (SILVA, 2013).

Tomamos, portanto, um trecho da análise de SILVA (2013) para dizer de forma a relacionar como analogia que, grande parte da dinâmica e da imagem da cidade é devida a este comércio realizado pelas pequenas lojas, como as mercearias, as quitandas entre outras típicas e diversas formas comerciais que coexistem nos espaços mais residenciais das cidades com outras formas maiores e modernas do comércio na atualidade, sendo, portanto, a composição de um circuito urbano de mercado (p.32).

CAPÍTULO III: AS BODEGAS EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.

Este capítulo propõe uma problematização do tema das bodegas em São José de Piranhas-PB, o qual vem sendo tratado, desde o início deste trabalho, pela abordagem teórica e pela discussão do tema, isso com base em uma abordagem histórica local. O foco aqui será a entrevista com o senhor José Cezário Sobrinho, de 89 anos, um dos mais antigos bodegueiros da cidade, residente no bairro Santo Antônio.

Para tanto, é importante dizer que o comércio em geral seja o ponto de partida desse comércio local (a Bodega), às vezes, este comércio é tido como ponto de referencia de práticas sociais hoje pouco vistas, inexistentes talvez, nos grandes centros urbanos, mas resistentes nas pequenas cidades, sobretudo o recorte em que analisamos.

As bodegas marcaram o comércio de São José de Piranhas, ao longo do século XX, pelo aspecto das trocas existentes que movimentavam a economia local. As pequenas vendas (bodegas) eram o ponto de encontro de compradores e vendedores que vinham estabelecer suas trocas com uso da moeda vigente ou mesmo outras trocas voluntárias em que a valoração das mercadorias podia se dar pela importância mercadológica das mesmas. Torna-se importante destacar esse aspecto para que possamos compreender as práticas sociais urbanas e rurais da cidade e a mentalidade social da época em torno das bodegas como espaço principal do mercado local.

Ao indagar a seu José Cezário sobre a nossa intencionalidade na pesquisa, que era a de compreender sua trajetória enquanto bodegueiro e comerciante local começamos então, por fazer perguntas acerca de sua origem na cidade de São José de Piranhas-PB, para que pudessemos iniciar um diálogo com o mesmo. Seu José Cezário (grifo nosso) inicialmente pareceu não se sentir a vontade, pois, possui a característica de um homem vivido, mas de poucas palavras, falando apenas o necessário para ser entendido.

Todavia, pudemos estabelecer com seu José Cezário um dialogo inicial para a abertura de nossa discussão, no qual o mesmo respondeu sobre seu lugar de nascimento em São José de Piranhas-PB e sobre como era o seu cotidiano desde o tempo em que nasceu. E é a partir das suas colocações que compreenderemos como as bodegas eram importantes para São José de Piranhas. Para tanto, o mesmo diz sobre sua vida:

Minha filha, eu nasci no sítio e me criei, aquele tempo era tão bom, tudo diferente de hoje, vinha uma vez perdida pra cidade, desde quando eu nasci, vinha uma vez perdida pra cidade, mas era muito bom, era uma farra (SIC)

depois de já homem formado com 14 anos, me casei e vim morar em São José [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 1).

As palavras do senhor José Cezário demonstram que o mesmo é um sertanejo vivido, experiente e que conhece bem o tempo que viveu. Sua nostalgia denota estar atenta para um passado que considera ser bom, onde, mesmo com todas as dificuldades que pudessem ser enfrentadas, pode ainda ser lembrado com certa alegria.

O aspecto de seu cotidiano, um homem que vinha pouco a cidade quando jovem, mas que ao passar a residir na cidade, com seus 14 anos, talvez tenha tomado a ciência de outra dimensão em sua vida, é outro fator importante para compreendermos a sua vivência. Este aspecto da fala do seu José pode ser observado como as condições iniciais para pensarmos sua labuta (trabalho) que aos poucos foi lhe dando as condições de sobrevivência. Esta, portanto, talvez fosse a pré-condição inicial de tantos outros bodegueiros que cujas vidas foram permeadas pelo trabalho duro, enfrentando as condições mínimas que o campo e a cidade lhes ofereciam.

Nosso dialogo com seu José Cezário Sobrinho teve como um segundo questionamento o seu trabalho, o desenvolvimento de suas atividades para subsistência e os desafios encontrados por ele nesse percurso. Nesse momento, percebemos que suas palavras queriam dizer o que tinha feito e o quanto isso para ele pode trazer um sentimento de realização. Assim, ele bem coloca dizendo,

[...] Eita! trabalho desde que me entendo por gente, naquele tempo era assim, os pai não tinham pena dos filhos não! Tudinho trabalhava! Mas, era bom, sabia? Eu aprendi a ser homem e ter minhas obrigações de homem. Não sei se eu disse, mas nasci em 1929, minha mãe morreu do meu parto, esse ano (29) foi o ano em que a cidade de São José veio pra onde está hoje, eu não lembro da retirada do meu povo, me lembro quando tinha 5 anos e a cidade ainda estava pequenininha, tudo foi construído aos pouco. Sabe aquela escola do padre? Do lado da Igreja? aquela, quando vai em direção a saída, do lado esquerdo? Pronto. Eu quem ajudei a fazer os tijolo na olaria³, lá tem meu dedo [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 2).

Este trecho da fala se seu José Cezário demonstra todo um percurso de sua vida, falar disso poderia ser demasiado enfadonho, porém serve para que possamos compreender o lugar do mesmo. Quem é esse senhor e como sua fala aponta um horizonte de podermos compor

³ É um local destinado à produção de objetos que utilizam o barro ou argila como matéria-prima.

uma narrativa sobre as bodegas. De maneira que o mesmo relata a questão de seu trabalho inicial, perdas como a de sua mãe que não chegou a conhecer e das contribuições que deu a cidade por meio de um ou outro ofício inicial que desempenhou como, por exemplo, a feitura de tijolos para a construção da Igreja.

A fala de seu José Cezário deixou bem claro que o trabalho lhe abriu os olhos para as obrigações que, segundo ele, lhe fizeram homem, daí talvez em um sentido de dizer que o percurso de trabalho feito por ele em sua época, mesmo que duro, tenha trazido ensinamentos que futuramente lhe ajudaram a construir o que pode construir materialmente e também no campo das relações pessoais.

Precisamente o percurso contado por seu José Cezário Sobrinho é o demonstrativo de certo período em que o comércio tenha surgido, é algo praticamente impossível, partindo deste pressuposto de pensar uma questão factual sobre a vida de um homem e sua relação com a cidade em que viveu e trabalhou com sua tarefa de bodegueiro. No entanto, é possível realizar uma projeção de como essa atividade foi sendo aprimorada ao longo da história do homem na sociedade.

O indivíduo trabalha para construir (sempre para o bem ou para o mal), nesse caso acreditamos que para o bem, sempre, pois seu labor, além de ser meio de sobrevivência era também um espaço de convência. A bodega como espaço de mercadejar e de socializar vivência na cidade de São José de Piranhas, abre espaço para que continuemos a reflexão, Porém agora com enfoque voltado para a bodega de seu José Cezário Sobrinho, mais especificamente.

3.1- Trabalhar para construir uma vida: José Cezário sobrinho (bodegueiro) e a relação histórica com a cidade.

Nesta parte do texto trataremos da bodega de seu José Cezário Sobrinho, como ele passou a trabalhar nela e refletir um pouco sobre sua vida relacionada à bodega. A profissão de bodegueiro de seu José poderá nos trazer uma discussão sobre como a cidade se desenvolveu a partir de um olhar sobre suas falas acerca de sua pequena bodega.

Para tanto, o limiar da questão está em entender comércio da bodega e seu desenvolvimento que se baseava, a princípio, na troca voluntária de produtos e/ou mercadorias. Dessa forma, um trabalhador poderia recorrer a produtos de outros para que

então pudessem suprir suas necessidades. A troca de mão de obra por produtos ou de produtos em outros produtos, seriam as primeiras formas de comércio do mundo antigo.

Com o passar do tempo, essas trocas passaram a ficar mais complexas uma vez que nem sempre as mesmas supriam as necessidades cabíveis dos envolvidos na comercialização. Além disso, a comercialização de algumas mercadorias de grande porte seriam as trocas diretas mais difíceis para as partes envolvidas. Com o objetivo de suprir e dinamizar as necessidades comerciais foram sendo criadas as primeiras moedas.

O desenvolvimento do comércio estimulou uma valorização não limitada em relação ao custo das mercadorias, empregando ao comércio, não só mão de obra, mas transporte, impostos e salários, assim o comércio foi se engrandecendo de acordo com as necessidades impostas pela sociedade e até pelo próprio mercado.

Dito isto sobre a micro dimensão comercial, entendida como sendo algo valoroso para a compreensão das relações sociais de comprar e vender entre pessoal pelo estabelecimento de necessidade da demanda local, das aspirações das pessoas e a própria dinâmica de comercialização, retomamos a fala de seu José para falar de sua bodega agora como sendo o espaço de mercadejar em São José de Piranhas.

Seu José, então, ao ser indagado sobre ter sido proprietário de uma bodega, nos fala sobre a mesma, respondendo bem humorado e, de certa forma, expressando uma nostalgia:

[...] Ôh tempo bom! Não me faltava um corinho de rato no bolso (SIC). A Minha [bodega] era uma das maiores, viu? Tinha de tudo um pouco, tudo era fiado, na caderneta, o povo daquele tempo tinha palavra comprava e pagava [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 3).

A fala de seu José demonstra seu entusiasmo neste momento ao fazer um relato curto, mas bem incisivo sobre sua bodega. Sortida, lucrativa e que estabelecia uma relação de confiança com seus fregueses, vendendo na velha caderneta que, por sinal, ainda existe nas cidades, e, principalmente, em São José de Piranhas-PB, herdeira deste espaço de comércio de confiabilidade e de mercadejamento que é a bodega.

Essa forma de sociabilidade traz, também, a possível reflexão sobre o sentido de comércio local, tido na nossa interpretação como um comércio de inter-relações com as pessoas da comunidade, dentro de limites de confiança, com poucos códigos burocráticos, bastando que tudo fosse anotado em uma caderneta para ambos os lados provarem sua honestidade, garantia de uma palavra empenhada.

Em meio a essa questão, outro ponto do relato que merece destaque é sobre a criação dos filhos a partir da atividade de 30 anos como dono da bodega e contribuinte do desenvolvimento histórico da cidade a partir desse pequeno comércio. De maneira que relata seu José, ao falar da criação e formação de seus filhos e de sua atividade bodegueira,

[...] Sim, tudinho! Formei 3 e os outros não se formaram por que não quiseram, e ainda formei uma neta, as bodega daquele tempo dava dinheiro [...]

[...] No, meu poder foi uns 35 anos, mas, antes de comprar, a bodega era de um compadre que já morreu, não me lembro o nome dele agora, mas o apelido dele era Chico da bodega. Era pequenininha quando era dele, eu investi muito, vendi a muita gente [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 4).

A fala de seu José Cezário demonstra que o mesmo pôde ser prospero em seu negócio com a Bodega. Fala de seus filhos e netos e da formação que pôde proporcionar a eles com os lucros advindos de seu pequeno estabelecimento comercial. Além do mais, relata os mais de trinta anos em que esteve à frente do seu negócio que, como entre outros, foi pioneiro no comércio de São José de Piranhas-PB. Isso era sinônimo de progresso material e social em meio ao sertão de poucas oportunidades e de dificuldades naturais impostas pela seca.

Assim, com o aumento populacional, as características de vila já estariam sendo deixadas para trás, sendo encaminhada a emancipação da Vila para Município de São José de Piranhas. Como a cidade tinha um difícil acesso às cidades vizinhas, os moradores tinham que procurar se erguer economicamente, principalmente, através do que se era produzido na terra e nas poucas mercadorias que vinham de fora.

Logo após a segunda metade do século XIX, a cidade já contava com alguns pontos comerciais, como agencia dos correios, um cemitério, prefeitura, cadeia, coreto, uma igreja, e contava com três máquinas de algodão também havia o mercado municipal onde em seu interior havia algumas bodegas, e também algumas mercearias (CEZARIO, 2014).

Nesse contexto, a bodega se transforma em espaço de multiplicidade de relações de alusão ao local como sendo o impulso para o desenvolvimento do lugar e das pessoas. A cidade de São José de Piranhas-PB talvez deva aos donos de bodega, como seu José Cezário Sobrinho, a parcela de reconhecimento do pioneirismo pelo estabelecimento de um comércio local nesta modalidade.

3.2- A Bodega de José Cezário Sobrinho e a mudança na perspectiva do desenvolvimento comercial.

As bodegas representam um objeto comercial muito importante para aquelas pessoas de baixa renda, o que as define como um comércio dos consumidores médios, assim atendendo às necessidades básicas dessa classe mais pobre da cidade ou região.

Baseando-nos na figura das bodegas que eram responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade no início do século XX, a história do desenvolvimento de São José de Piranhas ressalta a importância da bodega para uma compreensão do estudo que ora realizamos. Para que isto seja possível, retomamos a fala do entrevistado (José Cezário Sobrinho) para analisá-la na tentativa de compreender as mudanças no desenvolvimento do comércio local a partir do relato do mesmo sobre a caracterização do povo, do lugar e sua própria mudança de perspectiva das coisas,

[...] Era o povo que morava aqui nessa região, não sabe o povo que mexia com legume, que trabalhava no roçado, não era gente rica não, mas, também não era gente pobre, pobre não. Não, hoje tem muita, hoje tem muita, bodega e bar. O povo gosta de beber uma, até as mulher [Sic]. Contava no dedo as bodegas da cidade. Ah, foi Maria [esposa] que quis ir morar em Campina Grande, sabe em que ano? Eu ainda me lembro, 1994, foi quando meu filho mais novo foi estudar lá. Lá era que nem uma pensão, muita gente morou lá pra estudar na minha casa, além do meu, tinha Domitila, tinha Judivam vereador, Edmar da academia, “iche”... tem outros que eu nem me alembro agora, e tu acredita não dava uma confusão [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 5).

Considerando esta fala, podemos perceber que Seu José Cezário busca dar explicação para as transformações do espaço em que viveu. Deixa claro o tempo nostálgico, suas convicções e o apego pelas práticas de mercado que pode elaborar para sua sobrevivência e a dos seus.

Cita a “pobreza” das pessoas, mas acima de tudo a honestidade delas, diz ele que eram pessoas do roçado, trabalhadores do campo certamente que tiram o sustento da família da agricultura que estabeleciam e seu dinheiro, ou “courinho de rato” como lembrou, certamente era investido na compra de gêneros expostos a venda nas bodegas, entre as quais a dele era uma das mais sortidas e, por isso atraía os fregueses da região.

E, mesmo em um determinado momento tendo que sair de seu lugar, seu José acabou retornando para conviver entre os seus novamente. Esse contexto dita a convivência e

demonstra que a historicidade das relações humanas está na construção do dia a dia. A saída do seu local de convivência foi atribuída a um pedido de sua esposa e, também, pelo fato de seu filho ter ido estudar na cidade de Campina Grande. Seu José faz lembrar-se do espaço em que morou e do convívio com as pessoas. Dizendo em seu relato que eram várias as pessoas que estiveram por lá, chegando ele a nomeá-las em determinado momento expressando também certa nostalgia pela convivência que ali estabeleceu.

Neste mesmo sentido, a ida de seu José Cezário para Campina Grande e o fato relatado pelo mesmo em que sua casa era um ambiente de acolhida, de moradia para estudantes que ali residiam, pode ser compreendido como uma extensão de suas práticas de sociabilidade para com aqueles que outrora foram seus fregueses na bodega. A relação do bodegueiro com seus clientes era também a de vínculo de solidariedade, compreendida como uma forma de angariar certo prestígio social. Marca dessa forma, suas vivências em que as relações construídas na bodega foram transpostas para outro ambiente, mesmo que não com as características originais.

Seu relato também incorporou uma noção sobre as mudanças de local ocorridas num espaço de tempo onde a cidade de São José de Piranhas-PB passou por um deslocamento da sede, pois era comum que estas transformações afetassem a vida cotidiana das pessoas. Por ser um bodegueiro que estabelecia relação de comércio, amizade e diálogo com muita gente, Seu José sentiu bem estas transformações e como testemunha das mesmas pode atestar as mudanças ocorridas no tempo e no espaço da cidade de São José de Piranhas-PB. Por isso, dá margem dessas transformações em suas falas para que possamos compreender melhor a partir de sua visão de bodegueiro.

[...] Eu num me alembro muito da mudança não, como eu já disse, me alembro que foi aos poucos tudo sendo construído, a Igreja, a escola a praça e a rota pra ir pra Cajazeiras e Pombal, que eram as cidades que mantinham as mercadorias. Foi e não foi, o povo perdeu suas casa, perdeu suas terra, tudo debaixo das água do açude. Um mundaréu d'água. Mas, também, o povo era apegado com suas casas, suas terra [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 6)

Em um determinado momento de sua fala seu José Cezário fala da mudança do local da cidade e o que isso acarretou para a população. Sua memória é vaga segundo ele, no entanto, lembra sobre as rotas de mercadorias de onde vinham os produtos comprados na

região para serem distribuídos certamente nas bodegas. A sua também deveria ser abastecida por este caminho de comércio circunvizinho destinado para outras tantas cidades, além de São José. Em meio a esse diálogo, o mesmo abre espaço para dizer do que a chegada das águas do “açude boqueirão” provocou, retirando as pessoas de suas moradas, terras que eram seu local de trabalho e de onde geravam seus pequenos lucros.

Em meio a isso seu José Cezário nos chama a atenção para um ponto, quando diz que o povo era apegado as suas terras. Cabe aqui fazer uma reflexão em torno de uma memória do povo pinhanhese que ainda recorda uma nostalgia do lugar, rementem uma espécie de felicidade abandonada por terem deixado seu “espaço original” e terem sido “obrigados pelas águas” a dali se retirarem. Neste momento seu José Cezário fala em “um mundaréu de água”. Usando essa hipérbole (figura de linguagem que classifica o aumentativo em exagero) ele nos mostra que em meio a esse desconforto de ter que sair do lugar a água não é vista como problema, mas como progresso - fartura como diz o sertanejo -, pois, não dá a mesma um cunho pejorativo pelo desalojamento, mas uma imagem de grandeza e riqueza para o local.

No entanto, cabe dizer que a transferência da cidade para o novo local, na década de 1930, trouxe, também, um reavivamento das bodegas de certo modo, uma vez que o comércio passou por uma nova roupagem: a feira que antes era feita no paço municipal passou a ser realizada nas ruas do centro da cidade. De ano a ano, a modernização passou a caracterizar o comércio da cidade, muitas das bancas da feira livre foram sendo transferidas para prédios fixos, bem mais modernos.

Assim sendo, podemos concluir com esse trecho final da entrevista realizada com o senhor José Cezário Sobrinho onde o mesmo diz que.

[...] Hoje em dia quase não existe mais bodega, por quê as bodega era onde tinha de tudo, tudo no peso, no quilo. Vendia leite, e era tudo anotado nas caderneta. Eu tinha confiança em meus freguês. Hoje em dia é tudo no dinheiro né? E aqueles cartão que o povo compra, compra, compra, mais depois vem a conta pra pagar. Não, hoje são outros tempo, o povo não é que nem o de antigamente não. E esse tempo ruim ainda mais. E eu não tenho mais idade para isso não minha filha, se fosse quando eu era novo, aí sim. Meu negocio hoje é gado, ver o gado no pasto e ficar tranquilo [...] (SOBRINHO, 2017, trecho 7).

Nesta fala, podemos observar que o comércio em São José de Piranhas passou por inúmeras transformações ao longo dos anos, desde a comercialização livre de gado, até

mesmo as mais modernas butiques, hoje encontradas no centro da cidade. As bodegas foram o marco da História local, discutidas neste trabalho a partir das referências utilizadas quando analisamos a conceituação das mesmas (Bodegas). O relato de seu José Cezário Sobrinho sobre sua vivência com as bodegas nos possibilita estabelecer uma discussão sobre o desenvolvimento de São José de Piranhas-PB partindo de uma análise sobre as mesmas.

Portanto, as bodegas são o que são por sua importância comercial, relacional e de meio de sobrevivência daqueles que a possuíam. O meio de viver, comprar e vender, por meio de práticas de confiabilidade na palavra empenhada e anotada em um “Papel de Bodega”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A referência teórica que buscamos para a construção deste trabalho foi a História Local/Regional. Neste ponto, entendemos que não há uma separação clara entre local e regional já que as dimensões postas pelos textos lidos e pelos autores que refletiram o tema abordado por este estudo dão margem para a compreensão das reflexões que empreendemos e como pudemos tratar do nosso objeto de estudo que é a análise do desenvolvimento comercial de São José de Piranhas-PB por meio de um estudo das bodegas.

O primeiro capítulo pôde deixar claro, assim entendemos, essa dimensão paralela entre o local/regional onde os estudos brasileiros sobre a História das regiões, das localidades e dos espaços micro podem ser estudados por meio desse duplo diálogo combinando a análise destas duas abordagens históricas.

No segundo capítulo tratou-se de compreender, primeiramente o significado do comércio e suas formas de apresentação. Fomos, portanto buscar entender a dimensão do regional com o exemplo do trabalho e das migrações, bem como as relações estabelecidas pelas pessoas no âmbito do comércio. Isto possibilitou uma compreensão do conceito de regional por meio das práticas comerciais estabelecidas pela ótica de ver o outro que chega de um determinado lugar para ali comercializar e empreender os primeiros laços de compra e venda: o mercadejar.

No mesmo capítulo, discutimos sobre as bodegas partindo da conceituação do termo “bodega”, para compreender sua prática e sua dimensão comercial em localidades apontadas pelos textos consultadas. As referências nos direcionaram para compreender as bodegas como um espaço de venda “de tudo um pouco”, e, essencialmente, como o lugar de práticas de confiabilidade, ressaltando todas as relações de confiança, desconfiança, credibilidade e informalidade que o bodegueiro estabelecia com seu cliente.

No terceiro capítulo, abordamos o apanhado das falas de um importante dono de bodega na cidade de São José de Piranhas-PB, que hoje não exerce mais sua profissão devido ao avanço da idade, mais de 80 anos, mas que dentro dos seus limites e possibilidades pôde contribuir para nossa pesquisa com um depoimento sobre a bodega que possuía e o contexto em que a mesma se inseria.

A entrevista concedida por seu José Cezário Sobrinho (bodegueiro) trouxe para esta pesquisa uma leitura sobre a cidade de São José de Piranhas por meio do seu olhar, através da

qual procuramos discutir um pouco de sua visão, de suas práticas e de sua forma de analisar as transformações ocorridas na e pela cidade.

O texto aqui construído é fruto de um olhar singelo sobre um pouco da História das bodegas em São José de Piranhas-PB, ditas por seu José Cezário. Neste sentido, percebemos a partir da fala do senhor José Cezário Sobrinho, a compreensão da bodega como espaço de mercadejamento pautado em relações de confiabilidade, solidariedade e, muitas vezes de trocas voluntárias de produtos.

A partir da análise dos dados documentais e da entrevista, nossa compreensão é a de que as bodegas contribuíram significativamente para o desenvolvimento comercial da cidade de São José de Piranhas-PB. Isso porque os bodegueiros, homens como seu José Cezário Sobrinho, mantinham uma relação de confiabilidade e laços de honestidade pela palavra. Uma reação que comporta saber do que o outro tem, precisa e deve comprar. E, por outro lado, acreditar que quem compra, empenha sua palavra e cumpre com o que está registrado no “Papel de Bodega”.

Por fim, a fala de seu José pode, ainda, ser reflexiva para podermos analisar a questão do “ser honesto”, de uma ética comercial centrada no uso da caderneta. O fiado como norte para a base de um mercado local em São José de Piranhas-PB, onde se comprava e vendia com base em um “Papel de Bodega”, a caderneta, servindo como base para o estabelecimento de pautar sua relação com o freguês. Além disso, vale salientar que o bodegueiro tinha um papel social importante. Por facilitar o fiado, era muito “considerado” sendo, muitas vezes, convidado para testemunhar casamentos, ser padrinho dos filhos dos fregueses, bem como de ser consultado e se inserir na política local, sobretudo em momentos de eleição, quando franqueava produtos e servia como referência para seus clientes no momento de decidir o voto.

Diante do exposto, podemos afirmar que as bodegas de São José de Piranhas-PB foram um ponto essencial para a vida cotidiana das pessoas desta localidade e se constituem como o marco histórico do comércio e das relações econômicas e sociais entre o povo daquela cidade sertaneja, demarcando um tempo de mercadejar específico, onde, para além da lógica de mercado, a consideração e/ou a confiabilidade pautavam, prioritariamente, as relações comerciais. Esperamos que as questões aqui discutidas suscitem novas pesquisas sobre a história local.

REFERENCIAS:

ANDRÉ, Paula. As cidades da cidade, Lisboa na primeira metade do séc. XX: nova Lisboa (1936) e Lisboa nova (1948). In: **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**. CIEC: UNICAMP, v. 7, n. 10, jan /ago (2015). Dossiê História Urbana: a configuração de um campo conceitual, p. 89-111, ISSN 1982-0569.

BARROS, José D'Assunção. "História, Região e Espacialidade". In: **Revista Brasileira de História Regional**. Ponta Grossa: UEPG, 2005. vol. 10, n°1, p.95-129

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Pesquisa em História regional**: aspectos conceituais e metodológicos. Disponível em: <<http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf>>. Acessado em: 15/06/2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CEZÁRIO, Danilo de Sousa. **São José das Botijas ou as botijas de piranhas**: a formação de um imaginário histórico cultural na Cidade de São José de Piranhas (1940-1950). Monografia de graduação. UFCG, 2014.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. História Local e Micro-História: encontros e desencontros. In. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS** - n. 146 - 2012, p. 1-27.

DONNER, Sandra Cristina. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. In: **Encontro Estadual de História**, UFRGS - 23ª 27 de Julho de 2012, p. 223-235.

DONNER, Sandra Cristina. História local: discutindo conceitos e pensando na prática (O histórico das produções no Brasil). In: **XI Encontro Estadual de História**: história, memória e patrimônio (Anais Eletrônicos da ANPUH-RS) UFRG - Rio Grande - RS de 23 a 27 de Julho de 2012, p. 223-235.

FILHO, Amílcar Torrrão. História urbana: a configuração de um campo conceitual. In: **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**. CIEC: UNICAMP, v. 7, n. 10, jan /ago (2015). Dossiê História Urbana: a configuração de um campo conceitual, p. 1- 9. ISSN 1982-0569

LEITÃO, Deusdetit. **São José de Piranhas**: notas para sua História. Ed.1, Governo do Estado da Paraíba - João Pessoa-PB, 1985.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **A cidade em Portugal**: uma geografia urbana. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

SILVA, Francisca Williane Barros da. **Hábitos e práticas de consumo representados pelas bodegas no sertão quixadense (1960-1980)**, Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2013.

SILVA, José Eudivan Alves da. Et al. Migração e trabalho: o comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta m Crato/CE. In: **III SACCC - Seminário Regional comércio, consumo e cultura nas cidades**. Sobral-CE, 19 a 22 de Junho de 2017, p. 1-18.

SILVA, Noeme Tomaz da Silva. **História e memórias de rotas de luta e de comércio no Alto Sertão: “experiências dos tropeiros de São José de Piranhas-PC (1940-1950)”**, 2017, Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP.

SOBRINHO, José Cezário. **Entrevista**. Concedida em 29 de Agosto de 2017, transcrita na mesma data, p. 1-3.

TELEGINSKI, Neli Maria. A construção das relações cotidianas e de poder no comércio de secos & molhados no centro-sul do Paraná, século XX. In: **Rev. História Helikon**, Curitiba, v.1, n.1, p.56-76, 1º semestre/2014.

APÊNDICE A:

Entrevista com o senhor José Cezário Sobrinho

Ao senhor dono de uma das primeiras bodegas da Avenida Centenária de São José de Piranhas-PB.

Dados do entrevistado:

- Idade: 89 anos
- Nome completo: José Cezário Sobrinho
- Onde nasceu: No sítio lagoinha registrado em Itaporanga
- Endereço: Avenida Centenária; Bairro Santo Antônio Boa Tarde!

- 1) O senhor veio morar em São José ou nasceu aqui?
- 2) Trabalha desde que idade?
- 3) O senhor tinha uma bodega?
- 4) Quem eram seus principais fregueses, em que trabalhavam?
- 5) Tinha muitas bodegas aqui na região?
- 6) Porque o senhor acabou com a sua bodega e deixou de comercializar?
- 7) Em sua opinião, com a mudança de local da sede do município de São José de Piranhas quais foram as transformações urbanísticas e sociais que aconteceram?
- 8) Essas transformações foram positivas? Por quê?
- 9) Como o senhor avalia as mudanças no comercio de SJP e a quase extinção das bodegas neste município atualmente?
- 10) Se hoje o senhor pudesse abria outra bodega?

APÊNDESE B:

**Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores - CFP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: "COMPRAR E VENDER NO ALTO SERTÃO: AS BODEGAS E O DESENVOLVIMENTO COMERCIAL EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB"

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, Jose Cezario Sobrinho, residente e domiciliado na Avenida Centenária ; Bairro Santo Antonio; São José de Piranhas-PB, portador da Cédula de identidade, RG: 97.659-2ª Via, e inscrito no CPF: 020.618.304.63, nascido (a) em 30 / 11 / 1929, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo ". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

O estudo se faz necessário para analisar os aspectos historiográficos que permeia a cidade de São José de Piranhas-PB, notadamente com enfoque para entender as relações sociais de comprar e vender no Alto Sertão e, está intitulado: "COMPRAR E VENDER NO ALTO SERTÃO: AS BODEGAS E O DESENVOLVIMENTO COMERCIAL EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB"

- I) Ademais tomamos como desfecho para a pesquisa uma análise das falas do entrevistado sobre "As Bodegas", lugar de "mercadejamento" (comércio local) para podermos compreender essa localidade. Neste sentido, além da análise de da bibliografia disponível, será realizada uma entrevista semiestruturadas com um ex-proprietário de uma Bodega, a fim de podermos compreender essa historicidade a partir da fala de quem praticava o comércio local em São José de Piranhas-PB.
- II) A participação neste projeto não me acarretará qualquer ônus pecuniário;
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;

Duas vias

- IV) Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- V) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VI) Observações Complementares.

VII) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Cajazeiras-PB, 18 de Agosto de 2017

Participante (entrevistado): José Cezario Sobrinho

Testemunha 1: Danielo de Sousa Cezario

RG: 3.793.536

Telefone: (83) 99115-2853

Testemunha 2: João Martins da Silveira

RG: 300.206-1-8

Telefone: (83) 99640-8030

Responsável pelo Projeto: Maria Jeane da Silveira
MARIA JEANE DA SILVA

Telefone para contato: (83) 93377127

Orientadora: M. Fortunato
PROF^a. DR^a. MARIA LUCINETE FORTUNATO

Telefone para contato: (83) 9971-6943

Duas vias